

A pesquisa em comunicação de massa nos países nórdicos*

Kaarle Nordenstreng **

A minha impressão do estado da pesquisa nórdica em comunicação de massa é a de que os países se parecem hoje muito mais do que antes. Retomo o sarcasmo de que me utilizei em ocasiões anteriores, no sentido de que temos dois tipos de comunicação de massa nos países nórdicos — de primeira classe na Dinamarca e Finlândia, e de segunda classe na Noruega e Suécia. A minha impressão geral, hoje, pode ser resumida em duas palavras: sistema e dispersão.

O campo se estabeleceu por meio de expansão e institucionalização. Entretanto, tornou-se também mais heterogêneo com os muitos ramos da ciência que busca, de diferentes pontos de vista, para descrever e explicar o fenômeno da comunicação. A situação é paradoxal: quanto mais pesquisa menos claro o nosso quadro do objeto. Quanto maior o volume de literatura, mais difícil conseguir uma compreensão teórica do campo, e mais difícil escrever uma introdução para um livro-texto em Teoria da Comunicação. E como sei disso.

Parece claro que isso é uma tendência universal. Nós ainda nos deparamos com as “encruzilhadas” de Schramm, por onde muitos passam e poucos podem permanecer.

Há dez anos — na época da conferência de Orivesi — muitos de nós pareciam vislumbrar “uma grande teoria da comunicação” ali na esquina, mas hoje, depois de UMEA, Reykjavik, Volda e Fugls —

Tradução de Fátima Aparecida Feliciano

* Exposição feita na sessão de abertura da VII Conferência Nórdica de Pesquisa em Comunicação de Massa e publicada originalmente na *The Nordicom Review of Nordic Massa Communication Research*.

** Presidente da Organização Internacional dos Jornalistas (OIJ) e coordenador da Seção de Ensino de Jornalismo da International Association for Mass Communication Research (IAMCR).

quase nenhum de nós se aventuraria a uma definição coerente de um ramo sólido da ciência. O mesmo ocorre com as tendências e padrões citados aqui nos países nórdicos, peculiares a nós. Aplicam-se igualmente num nível global.

Quando analiso nossa organização global, vejo sua história em três fases. A primeira — nos anos sessenta, mais ou menos, em que éramos exploradores com uma pragmática, porém algo ingênua orientação. A segunda fase, que veio nos anos setenta, caracterizada por uma atitude de “sabemos tudo”, ambiciosa, mas levemente megalomaniaco-monotônica. A terceira fase, na qual nos encontramos hoje, parece mais modesta, mais madura: nós não corremos atrás dos problemas sem problematizá-los primeiro, e nem acreditamos em soluções patentes na sua problematização teórica. Sabemos agora que ambas, vida e pesquisa, são muito mais complexas do que jamais pensamos.

Talvez alguém possa dizer que o campo hoje é pluralístico num sentido mais verdadeiro da palavra do que o utilizado anteriormente. Entre outras coisas, os conflitos entre “esquerda” e “direita” num sentido político arrefeceram. Por outro lado há uma questão de capacidade intelectual: o potencial científico e intelectual para resolver problemas que são articulados. Aqui, também, não compramos ou vendemos soluções patentes — sejam elas micro ou macro —, mas entendemos que nossas atividades, que se desenrolam por meio de processos intelectuais representam um processo societal entre outros processos societais.

Isso não significa que deveríamos adotar uma relação determinística, *vis-a-vis* com nossa ciência. Nem deveríamos sucumbir ao relativismo valorativo, que leva ao total cinismo no pesquisador e a parecer que todas as alternativas são semelhantes.

Hoje, Taisto Hujanen iniciou com “Dez anos atrás em Orivest...” Mas eu gostaria de nos remeter um pouco mais longe, a 1973, em Voksanäsen (Noruega), na primeira conferência nórdica sobre pesquisa em comunicação de massa, que lidava com “Comunicação e Responsabilidade Social”. Como um veterano, gostaria de dizer: “Há quatorze anos atrás”. Quatorze anos atrás apresentei uma pesquisa internacional sob o título “Direções normativas para a pesquisa em Comunicação de massa”. Aqueles comentários foram gravados para a posteridade, e publicados pelo Instituto de Pesquisa de Imprensa em Oslo (Stencil n.º 29). Não sei se é porque estou ficando velho, ou se talvez o desenvolvimento no nosso campo segue um caminho cíclico. Qualquer que seja o caso, o que disse então parece-me relevante hoje, e o mesmo ocorre para os pontos de vista nos quais baseei estes comentários — desde o trabalho de Dallas Smythe e James Halloran às “Propostas (da UNESCO) para um Programa Internacional em Pesquisa da Comunicação” (Documento COM/MD/200). Seria interessante e instrutivo notar o que foi e não foi conseguido dos itens mencionados no documento da UNESCO:

Meu comentário central sobre o “estado da arte” foi que nosso campo sofreu também da bem conhecida “crise da Sociologia ociden-

tal". Hoje, não mais nos referimos a ela como "crise", mas nos acostumamos a falar sobre "fermento no campo".

Deixe-me citar um item de minha apresentação em Veksenäsen:

Em outras palavras, minha idéia naquela época quatorze anos atrás, era a de que havia uma força social vital e um momento desenvolvimentista, que hoje sentimos na expansão, diversificação, avanços nas humanidades etc., e no fato de que as velhas metodologias positivista e behaviorista não foram suficientes para explicar o mundo — um mundo cujo entendimento não era somente um luxo acadêmico, mas uma necessidade política, para o sistema prevalescente e interesses afins.

Eu ainda acredito na validade desta análise. Não sou um daqueles velhos radicais que com o correr do tempo sentem a necessidade de mudar o corte de suas calças e camisas, e desaprovar seus princípios teóricos. Claro que precisamos de uma visão mais balanceada, mas devemos compreender que a ciência, e sobretudo a comunicação de massa, é um processo social, e que somos parte de um grande processo de desenvolvimento histórico.

Este não é nem o lugar nem a hora, num espaço de alguns minutos, para caracterizar o clima da pesquisa internacional, mas deixem-me apenas mencionar alguns itens.

Primeiramente, o campo é uma típica "indústria nascente" no oeste industrial — uma parte da informação expansiva e ramo ADB, enquanto muitas outras áreas de pesquisa estabelecidas sucumbiram. Tendo isso em mente, gostaria de dizer que os pesquisadores nórdicos são quase tão comandantes como passageiros do Deck B neste contexto. Nós desejamos maior *status* na comunidade de pesquisa internacional em comunicação. Acredito que a qualidade inovadora e o nível de ambição do nosso trabalho são relativamente altos.

Há, claro, descontinuidades, especialmente diferenças em relação às culturas latinas, devidas a fatores lingüísticos. Estamos umbilicalmente ligados à esfera anglo-americana. Mas no seu todo, eu diria — baseado no que encontro nos catálogos de pesquisa corrente — que podemos sair pelo mundo com uma muito boa opinião a nosso próprio respeito. Ou, para parafrasear o que Ehrensvärd escreveu em Suonenlinna/Sveaborg: Podemos acreditar na nossa tradição espiritual, e podemos continuar de onde nos encontramos.

Logicamente, precisamos de mais interação, e, dessa forma, a nova ponte nórdico-européia na forma do *European Journal* é muito bem-vinda. É também importante que publiquemos mais na Inglaterra, e disso nós finlandeses devemos nos impressionar com nossos colegas escandinavos: não é somente mais fácil para nós seguirmos o que eles — particularmente os dinamarqueses — estão fazendo, mas transcender as barreiras lingüísticas nórdicas é também uma chave vital para nossas relações com o resto do mundo.

Quanto aos países socialistas e os assim chamados do "terceiro mundo", nada mais que impulsos intelectuais exacerbados vieram desses países, e nem é esperado muito mais nessa época. De qualquer forma, acredito que seria muito bom para nós desenvolvermos um mais amplo leque de contatos com os nossos colegas da Europa

Oriental. E, enquanto falamos sobre integração européia, devemos ainda ter em mente que no intervalo entre o agora e a virada do século podemos também esperar transformações significativas nas relações Leste-Oeste. A “perestróika” e a “glasnost” nos países que visitamos terão efeitos a longo prazo no nosso campo, também. Estou convencido disso — muito embora não se possa esperar muito profundas mudanças a curto prazo.

Talvez nossos colegas dos países socialistas e do Terceiro Mundo possam nos ensinar algo sobre como lidar com o problema da pesquisa comissionada versus a pesquisa crítica básica, desde que desenvolvam uma maneira natural e espontânea de encarar o problema. A questão estudada no segundo e terceiro mundos são tão pressionantes que não há tempo para o luxo de fazer perguntas que imaginamos importantes. Creio que mais contatos e colaboração com colegas destes países nos dariam um maior entendimento da nossa própria situação.